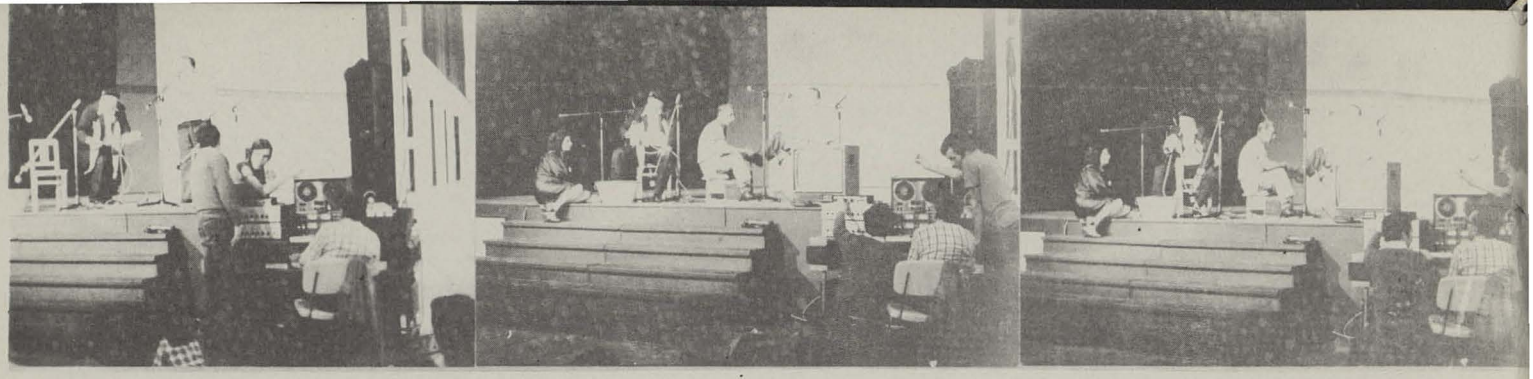
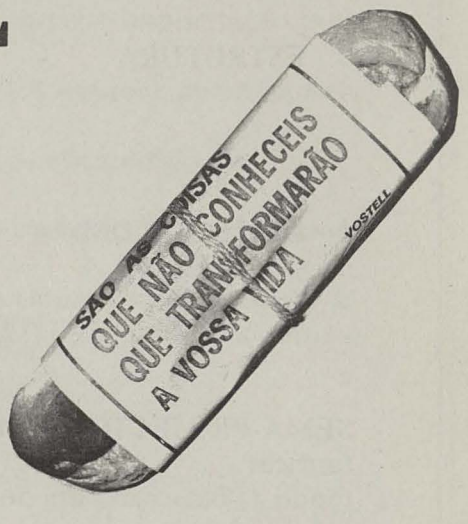


A RÉPLICA DE WOLF VOSTELL

entrevista conduzida por A. Cerveira Pinto



C. Pinto — A meu ver o trabalho apresenta-se, de um modo geral, estruturado segundo uma perspectiva eminentemente sociológica e política. Esteticamente, parece clara uma forte filiação na tradição expressionista alemã e numa linha não caótica do dadaismo francês. Pode pois deduzir-se que as tuas operações estéticas passam ao lado quer da ironia onírica do surrealismo, quer à margem dum abstraccionismo estruturante e temático. Em suma, a tua obra situa-se na área estética que eu designo por criticismo simultaneamente "fotográfico" e metafórico.

Estás de acordo? Que tem tudo isto a ver com a noção de "arte conceptual"?

•

VOSTELL — A crítica de arte em Espanha sempre considerou um artista conceptualista, no entanto, na Alemanha eu passo mais por ser o pai do "happening,, europeu e por um artista objectual e de acções.

Em meu entender, parece justo interpretar o conceptualismo como um método interdisciplinar de criação. O conceptualismo americano, que se circunscreve à realização de uma ideia, escrita com uma máquina de escrever e exposta numa galeria de máquinas de escrever, não é, penso, nenhuma arte completa e complexa da segunda metade do séc. XX — porque é uma arte linear. Não é uma arte cenceptual de facto nem se distingue sequer do "fluxus" e do "happening", pois uma ideia conceptual que se pode realizar não é uma ideia conceptual, é um projecto, e esses projectos chamaram-se "happenings" e ideias "fluxus".

É, enfim, outro nome para um vinho novo em velhos cântaros...

Para dar um exemplo do que para mim é uma acção sócio-estética na linha conceptual e dentro da convicção de que o homem um dia não sómente poderá ser artista (vou muito mais longe!) como terá que ser obra de arte, referirei "Além-Tejo": uma acção sócio-estética para todo o Portugal, para todo o Mundo, mas sobretudo para a população de Lisboa que se depara com o fantástico fenómeno do Tejo (um rio tão bonito e significante) e a sua ponte.

C. Pinto — Passando do nível mais geral que é a tendência estética em que te situas para a estrutura concreta da obra gostaria que me explicasses quais são os traços essenciais do teu trabalho; quais as preocupações estéticas e sociais predominantemente veiculadas por ti?

VOSTELL — Já abordei, de certo modo, a questão que me colocas.

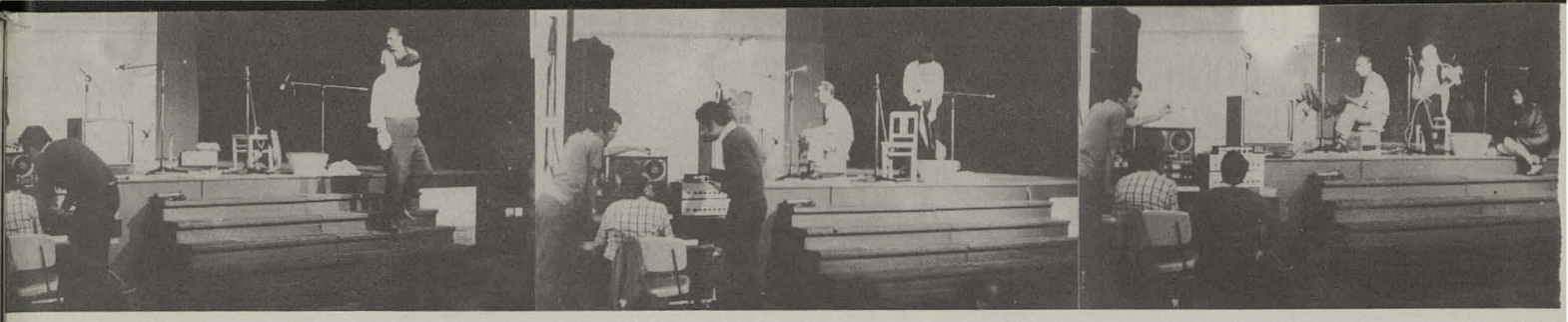
O homem tem que devir obra de arte e esta terá que ser algo que se sinta. Para chegar a um tal resultado é preciso que ele, nas suas acções, comportamentos, e rituais diários, comece a santificar as coisas isto é, a valorizar cada uma delas, e não pensar que há coisas mais importantes e coisas menos importantes. Ou seja, o conceito que faz daquilo que o rodeia tem que alterar-se.

"depressão endógena"

A arte "fluxus", a arte dos "happenings", como os meus "environements" e as minhas acções dão importância ao que, normalmente, a humanidade contemporânea não liga grande coisa. Quando eu digo: a vida de um peixe é mais importante que a vida de um televisor; que podemos aprender mais de um peixe do que dum televisor, estou a sublinhar um objecto que pensamos como comida e que depois de ingerido não é mais pensado — um peixe... Mas se reflectirmos, um peixe é algo mais: é uma qualidade única, que vive somente uma vez e que tem um sistema nervoso e produz vida no mar. Comparado com o televisor — que não é único (um televisor repete milhões de vezes, como os outros televisores, as mesmas coisas que se lá põem dentro) — um simples peixe que não tem valor é hoje mais significante, para mim, do que um televisor.

Mas as pessoas gostam normalmente mais do televisor, porque este os entretém...

Esta é a minha problemática artística, e agora pergunto eu: porque razão uma televisão entretém e o mesmo não acontece com a vida de um peixe? É a vez da humanidade, da sociedade me dar uma resposta — sou eu quem faz a pergunta!



Belém, "Performance", Julho 1979

C. Pinto — A saturação da informação produzida pelos "mass media" transforma essa forma de transmissão de ideologia (textos, imagens, sons, ruídos, significados e significantes) uma verdadeira manipulação da estrutura psíquica colectiva. Este é, certamente, um dos assuntos centrais do teu trabalho desde 1958 — e é também uma questão candente num país como Portugal, onde durante muitos anos a manipulação ideológica foi praticada pelo regime político dominante, muito mais através da censura, do corte na própria informação, do que por meio da sua saturação...

Gostaria que nos falasses, à luz desta problemática, de Berlim — uma das zonas limite deste planeta onde habitais.

•

VOSTELL — O objecto que fiz em 1958, uma "assemblage" com um televisor dentro, foi muito importante para mim. Pela primeira vez na história de arte se inclui num objecto o mundo exterior; se contrapôs e se comparou o mundo exterior, móvel, quotidiano (possível através da electrónica) com uma obra manual estática, obtida a partir da mão do artista, ou de objectos achados por este. Tratou-se pois de uma comparação entre um fenómeno estático e um fenómeno móvel, diferente em cada segundo, o que é certamente uma ruptura, algo que não pode ser assimilado nem ao surrealismo, nem ao dadaismo trata-se de um quadro vivo. A problemática da informação surge pois de uma forma clara e consciente no meu trabalho. Hoje, contudo, estou mais seguro sobre o perigo, não da informação em si, mas da sua inflacção. Quando se repete demasiado uma informação, diariamente, ou quando se lhe dá exagerada importância, tal facto, a longo prazo, pode produzir um despiste mental massivo, a loucura, que o pensamento estético e plástico não pode senão combater. A informação não está nas mãos de artistas, mas sim nas mãos de gente que não quer aceitar que uma imagem deve ser uma festa para os olhos e não apenas uma ilustração...

Quanto à segunda parte da tua questão penso que há que ter atenção e combater duas coisas: a inflacção da informação e a sua censura. Ambas são negativas. Também em Berlim o pluralismo da informação é uma coisa fenomenológica. Temos 6 estações de TV e muitas emissoras de Rádio, e muitas opiniões distintas. Conheço contudo muito poucas pessoas com tempo para comparar esta diversidade de informações, de forma sistemática. Seria uma verdadeira profissão! A maioria das pessoas em Nova York, em Berlim, ou aqui, tem um programa marcado e carrega no respectivo botão quando entra em casa. Ou seja, a multitude de hipóteses de exploração da tecnologia não é utilizada pela maioria das pessoas, porque não compreende o que é a Rádio, porque não a pratica, porque não tem tempo.

A técnica e a informação são dados e comportamentos económicos e lógicos — mas que têm uma outra vida... Mostrar essa outra vida, o que há detrás de objectos como auto-estradas, carros, aviões e televisores faz parte do meu trabalho. Procuro ensinar a ver

a realidade com transparência. Esta, enfim, a função do meu surgimento em Portugal, com uma exposição muito grande — quase a mais completa da minha vida. Sinto-a como uma academia de arte móvel (filmes, videos, objectos, pintura, catálogo, "performances", etc.). Serei, durante dois meses, uma academia de arte móvel!

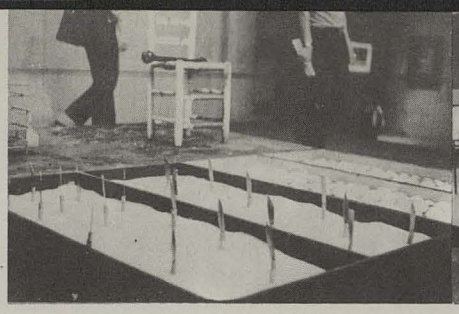
C. Pinto — Outra constante do teu trabalho, da tua acção, parece-me ser a desmistificação da tecnologia. Contudo, esse desmascaramento parece fazer-se através duma fascinação por ela mesma. A forma quase obcessiva vomo viras de "pernas para o ar" os seus produtos, os desmembras e inutilizas para a função que desempenham na sociedade de consumo revela mais uma revolta de amante traído do que qualquer espécie de desprezo ou indiferença niilista. Este Duplo posicionamento face à realidade tecnológica aparece-nos assim como uma atitude materialista, dialéctica, mas também como uma crítica humanista. Não são as conquistas em si que são contestadas mas sim o modo como elas se inserem no corpo social, o carácter instrumental de dominação que adquirem ao serem manipuladas pelos poderes dominantes. Julgo, no entanto, que este processo de desmistificação atingiu já a maturidade, que toda a tecnologia é plenamente atravessada pela tua crítica estética. Fica agora a questão: para onde vai Vostell a partir de agora? Onde irá bater a seu martelo plástico?

"depressão endógena"

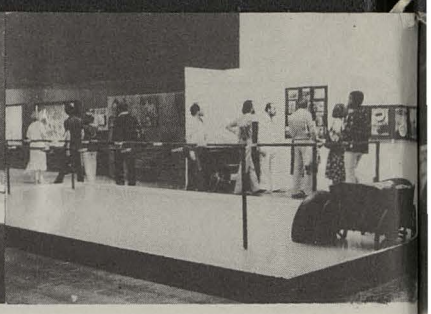
SÃO AS COISAS QUE NÃO CONHECEIS QUE TRANSFORMARÃO A VOSSA VIDA

VOSTELL

EXPOSIÇÃO NA GALERIA DE BELÉM E FUNDAÇÃO GULBENKIAN - MAIO/JUNHO



Gulbenkian, 79



Belém, 79

VOSTELL — No que se refere à crítica estética praticada através da minha obra devo dizer que sou contra o mau uso dos inventos. Se a humanidade só inventou a televisão para ver futebol ou assistir a programas de variedades; se se inventaram os aviões somente para transportar os turistas e os homens de negócios; se se inventou o automóvel somente para nos deslocarmos para o trabalho, parece-me que a humanidade não poderá tirar o melhor partido destes fenómenos. No entanto, levanto a minha voz para dizer isto: estou muito admirado e satisfeito com a invenção da televisão, com a invenção da electrónica, do automóvel (eu guio um dos maiores carros que há) e estou fascinado pelo objecto e pela invenção deste. Só que o problema se deve atacar nestes termos: **desmistificar o mau uso da tecnologia.** E porque esse mau uso é ele mesmo mistificado, tenho assim que estabelecer uma metodologia que passa por mistificar, de certo modo, a própria crítica! A minha obra apresenta-se assim com um carácter transbordante, de certo modo, muito profissional — se aceitas estas terminologia. Tenho consciência de que não se pode dizer o mesmo que eu digo com menos quantidade e com menos qualidade.

O meu caminho — perguntaste-me pelo futuro — é aumentar a qualidade dos meus princípios estéticos; aprofundando-os, sempre através de processos interdisciplinares, responder à complicação da nossa vida com uma complicação estética, numa com uma simplificação. Não creio que através da evidência se possa dizer algo acertado sobre a complexidade e a complicação da visa actual, seja no que se refere ao mundo objectual seja no que se refere ao mundo incorpóreo, subjectivo.

O problema humano com que me defronto é a necessidade que sinto de ter sempre mais desejos do que aqueles que posso realizar. Torno-me relativamente triste e depressivo quando não tenho nem desejos, nem projectos estécticos. Para mim a vida é um problema criativo. A criação é vida e quando não se pode criar, fazer nada de construtivo, creio que não se vive de facto. Por esta razão a gente de hoje não vive, na sua generalidade; sobrevive!

Também eu estou naturalmente, debaixo do perigo de burocratização da minha vida, levando-a de um modo demasiado lógico, mas tenho, como artista e como ser humano, a obrigação de ter sempre muitos mais desejos e projectos do que aqueles que posso realizar. Eis o optimismo de que me alimento!

C. Pinto — A situação da Arte contemporânea, em teu entender, é uma situação de crise, é um novo renascimento, ou é outra coisa que nenhuma destas?

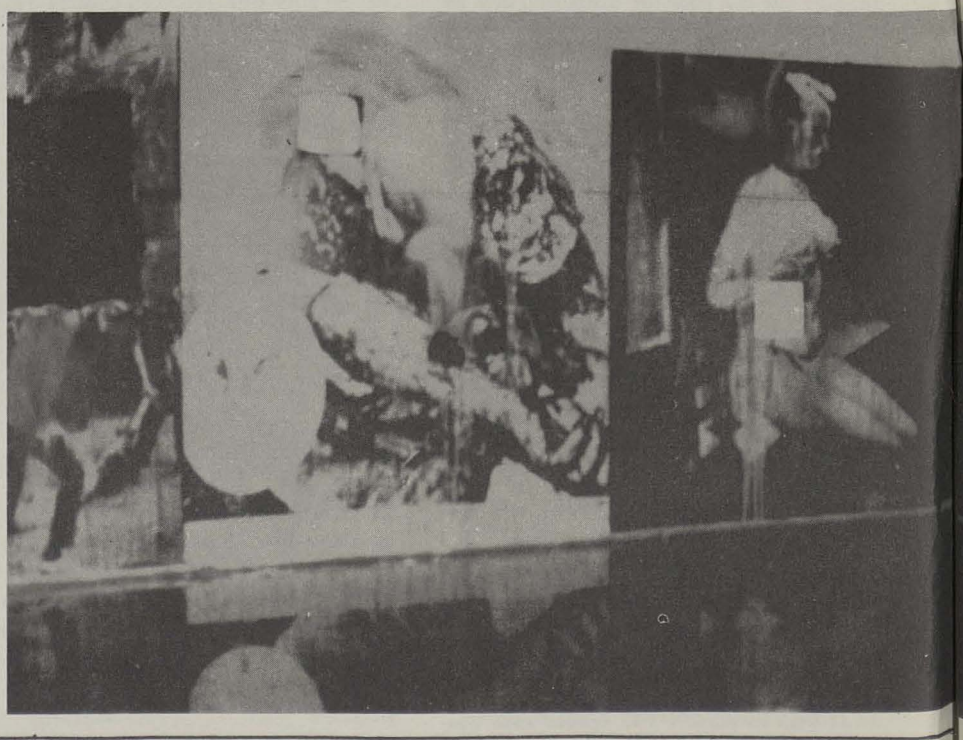
•

VOSTELL — A arte deve estar sempre em crise e quanto mais em crise ela estiver melhores condições haverá para a sua produção. Há artistas que estão em crise, e outros que não estão. Mas a crise em si nunca é negativa para a arte, e, por outro lado, os artistas recuperam rapidamente... Não vejo, enfim, perigos de maior.

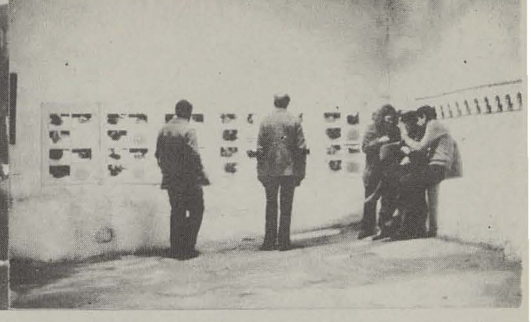
A Arte existe há trinta mil anos, desde as grutas de Altamira, e é uma força positiva da Humanidade — **como se pode ver nos seus resultados. Não vivemos tanto num século novo, como se julga, mas antes num século que regressa de novo às fontes históricas. Ainda que admire as invenções da ciência, da medicina e da técnica (sou um grande admirador da Ciência) creio que o exemplo para nós está na Pré-História, que a felicidade está lá. Talvez que não seja mesmo preciso recuar tanto no tempo. Hoje, em África, como nos índios do Brasil ou da América do Norte há exemplos dos quais podemos reaprender coisas que a memória colectiva civilizada esqueceu.**

O homem em vez de aborrecer-se com a natureza ou apenas servir-se dela (o que é a verdadeira poluição); em vez de se estirar no solo apenas para ficar moreno deveria seguir outra via, na qual acredito:

falar com os animais, conversar com a água, dialogar com as árvores, como se fez na pré-história! Isto é mais relevante para mim do que sentarmo-nos à frente dum televisor para ver a coroação da raínha de Inglaterra.



Malpartida — Comidas Portuguesas/79



Museu Vostell — Malpartida

C. Pinto — Dizes que a crise da arte não existe; dizes, ao mesmo tempo, que ela existe de forma permanente pelo que é benéfica, não existindo portanto...

Sendo assim parece justo colocar uma outra questão, ou seja a da crise da crítica de arte. Explico-me: parece evidente que os críticos contemporâneos (digamos depois dos finais dos anos 50) têm grandes dificuldades em acompanhar os movimentos artísticos que podemos chamar de vanguarda...

•

VOSTELL — A meu ver esses não são críticos de arte. Falas de críticos de arte que não existem.

A crítica de arte no sentido historiográfico quase não existe porque é inútil. O que faltam hoje são especialistas de comunicação, que possam traduzir a mensagem da obra artística às massas. Esta é, aliás, uma falta da qual me sinto culpado. É uma crítica que aceito. Faço muito pouco relativamente à criação das minhas exposições no sentido de as levar às pessoas. Tenho, com efeito, um limite de forças que não posso ultrapassar — é um trabalho que, em consciência, já não pode ser feito por mim:

Um crítico de arte não me ajuda nada com a sua crítica, positiva ou negativa, nem ajuda o público. A este falta-lhe um guia, uma explicação, falta-lhe alguém que lhe pegue na mão para o conduzir ao interior da obra de arte. Há sim, portanto, uma crise de transporte da mensagem artística: o transporte não funciona. Esta é a única crise que aceito e que vejo!

Dentro dos limites resultantes do meu próprio lugar neste processo faço o que posso; tento, de algum modo contribuir para dominar esta crise fazendo exposições. Faço o que posso... porque creio, relativamente a uma questão que me puseste antes, que a Arte hoje tem um grande valor para a educação do carácter humano.

"Quinta do Surdo"

Vostell
Beuys
Filliou
são da minha geração.

Jochen Gerz
Defraoui
Ulrike Rosenbach
são da minha geração.

João Vieira
Helena Almeida
Alberto Carneiro
são da minha geração.

Duchamp
Schwitters
Almada
são da minha geração.

José Barrias
Mário Varela
Joana Rosa
são da minha geração.

Ernesto de Sousa
é da minha geração.

Não acredito em gerações.
Só acredito e trabalho para
[a geração].
Para a minha geração.
Contra o mito do artista só vejo
um remédio: o mito do artista.
Assim, a poesia *deve* ser
uma verdade prática, a arte
deve ser feita por todos.
Nós (não) somos transitórios.

distribuição do manifesto Além-Tejo/Vos-Tejo

C. Pinto — Qual é para ti a missão estrutural do artista contemporâneo?

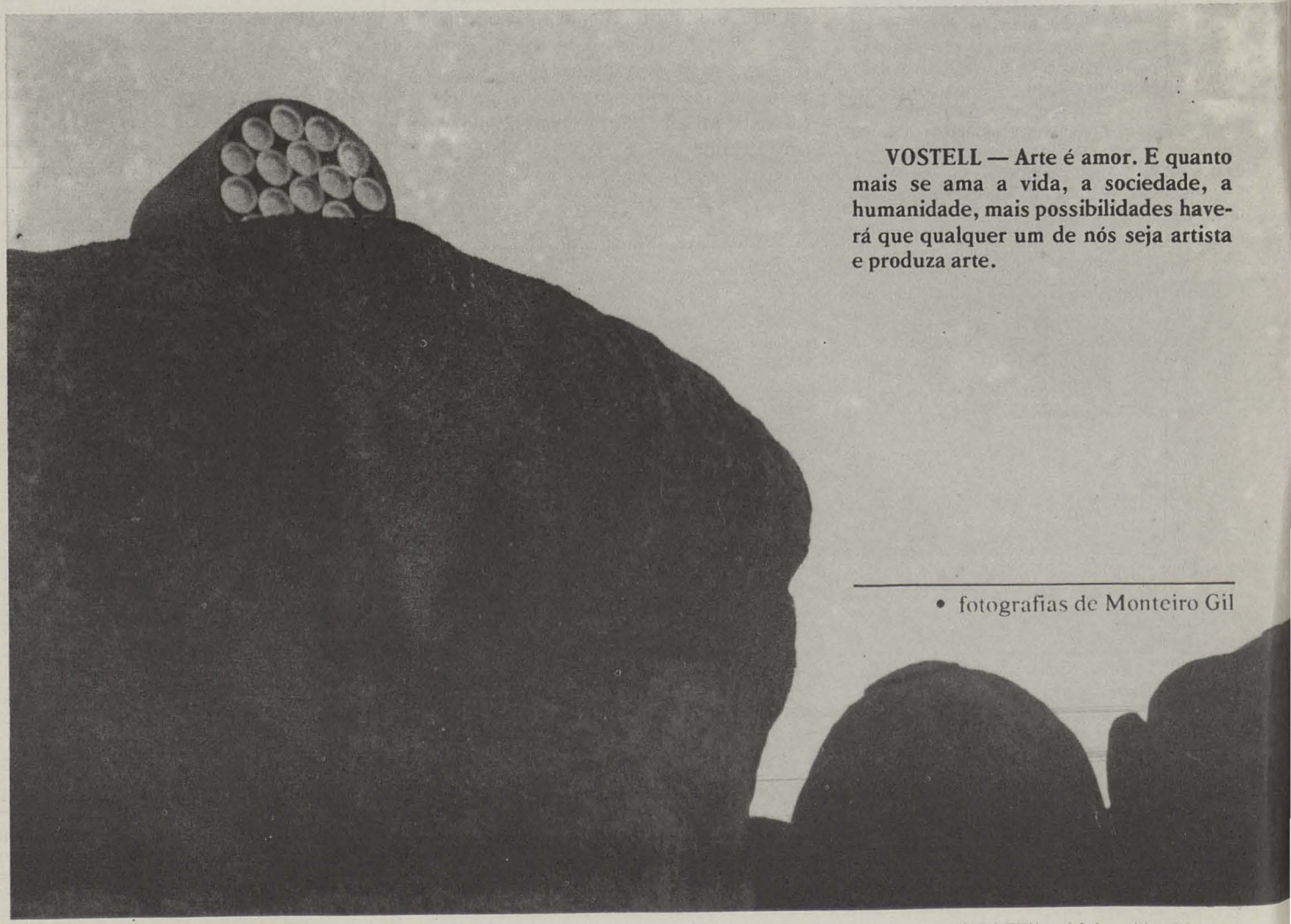
•

VOSTELL — Retomando as minhas últimas palavras: ser criador e criar, paralelamente a este mundo tecnológico (um mundo de consumidores) outro mundo, paralelo, de educação e de reflexão.

O artista hoje é um criador e um educador; sobretudo um educador, no bom sentido da palavra: no sentido de uma educação complexa e não linear e simplista.

De acordo com esta perspectiva entendo que o trabalho artístico deveria ser pago pelo Estado, no quadro dos seus programas de educação. Fazer uma exposição para 30 000 ou 40 000 pessoas é não somente divertir as pessoas, mas sobretudo colocar um problema de vida através da Arte, e isto é educação — muito mais, portanto, do que levar pessoas a ver quadritos e objectos!

C. Pinto — Para terminar, a questão porventura mais difícil: o que é Arte?



VOSTELL — Arte é amor. E quanto mais se ama a vida, a sociedade, a humanidade, mais possibilidades haverá que qualquer um de nós seja artista e produza arte.

• fotografias de Monteiro Gil

"VOAEX" — Malpartida/Cáveres